



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS/ESPANHOL

LAIANY DE FRANÇA BARRETO ROCHA

**A PARIDADE PROJETADA NO EU: A INSERÇÃO DO LITERATO DENTRO DE
SUA COMPOSIÇÃO**

Campina Grande – PB
2014

Laiany de França Barreto Rocha

**A PARIDADE PROJETADA NO EU: A INSERÇÃO DO LITERATO DENTRO DE
SUA COMPOSIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

Orientadora: Kariny Dias de Oliveira

**Campina Grande – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B273p Rocha, Laiany de França Barreto
A paridade projetada no eu [manuscrito] : a inserção do
literato dentro de sua composição / Laiany de Franca Barreto . -
2014.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Kariny Dias de Oliveira,
Departamento de Letras".

1. Análise Literária 2. Poema 3. Identidade 4. Sociedade I.
Título.

21. ed. CDD 801.95

LAIANY DE FRANÇA BARRETO ROCHA

**A PARIDADE PROJETADA NO EU: A INSERÇÃO DO LITERATO DENTRO
DE SUA COMPOSIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

Aprovado em 13/10/2014.

BANCA EXAMINADORA

Kariny Dias de Oliveira

Prof.^a Kariny Dias de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 7,5

Júlio César Vasconcelos Viana

Prof. Esp. Júlio César Vasconcelos Viana (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 7,5

Yerman Omar Zapata Barbosa

Prof. Esp. Yerman Omar Zapata Barbosa (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 7,5

A PARIDADE PROJETADA NO EU: A INSERÇÃO DO LITERATO DENTRO DE SUA COMPOSIÇÃO

Laiany de França Barreto Rocha

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar de que modo o "eu" está presente nas obras literárias da autora Gabriela Mistral, mas especificamente em seu poema intitulado: O Deus triste. Pretendemos que a partir desta investigação, pontuarmos aspectos sociais que influenciaram a obra da autora e assim vamos ver alguns traços pertencentes em sua biografia que está diretamente relacionada com o nosso objeto de análise (o poema). Para realizamos este estudo vamos fundamentar em referentes teorias: Individuo, Sociedade e Identidade. Nossa análise foi baseada em uma pesquisa com características bibliográfica, onde vamos nos valer de nomes de grandes especialistas sobre o tema abordado como Bruner(2002), Cândido (2007) Coracine (2007).

Palabras – clave: Identidade, Biografia, Sociedade.

1- INTRODUÇÃO

Podemos encontrar, dentro da coletânea de poemas que citamos anteriormente, o poema elegido para servir-nos de corpus com o nome de El Dios triste. Com relação aos objetivos específicos, almejamos transcrever a biografia da autora Gabriela Mistral; definir o conceito de identidade e por conseguinte investigar de que modo a sociedade age sobre o indivíduo; fazer colocações do corpus a ser analisado (Poema – El Dios Triste), identificando como a autora projeta-se dentro dele.

O tipo de pesquisa apresentada neste Trabalho de Conclusão de Curso, de acordo com nossos objetivos é: teórica bibliográfica, uma pesquisa Teórica, pois, para darmos uma base sustentável a qualquer pesquisa se faz necessário que tenhamos uma base teórica renomada que trate de aspectos que envolvam determinadas pesquisas referentes ao tema a ser investigado. E bibliográfica uma vez que é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Um dos fatores que podemos encontrar inseridos de forma constante em várias obras literárias é a inserção da projeção da vida do autor dentro da obra a qual este esta escrevendo. Esse fato corriqueiro é trabalhado no

corpus o qual estamos a partir dessa pesquisa analisando (El Dios Triste da escritora Gabriela Mistral). Optamos por realizar o presente trabalho após percorrermos vários artigos e dissertações nos quais percebemos que são escassas as informações sobre os poemas da autora. Portanto esta pesquisa tem a finalidade de despertar os indivíduos na busca do “conhecer a identidade dos autores” dentro de um contexto sociocultural, pois sabemos que dessa forma a compreensão de suas obras se tornará fácil. A relevância desse estudo dar-se-á a partir do anseio em poder apresentar a academia a possibilidade de escrever sobre mais uma mulher dentro da literatura, em especial, Gabriela mistral, que foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel dentro da literatura hispano-americana. Almejamos também que esta, possa servir de base para outras pessoas que tenham a necessidade em poder escrever sobre a autora e suas diversas obras dentro meio literário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UMA BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA GABRIELA MISTRAL

Segundo Izuli (2014) Gabriela Mistral era filha de Jerónimo Godoy Villanueva e Petronila Alcayaga Rojas e Emelina Molina (Pepita), ambos viviam um casamento ausente. Lucila de Maria de Perpetuo Socorro Alcayaga mais conhecida como Gabriela Mistral nasceu no Chile em 07 de abril de 1889. A partir de então temos a pretensão que narrarmos um pouco sobre a vida e obra da autora e para tanto valemo-nos de alguns teóricos que escreveram sobre ela, segundo Izuli (2014):

Lucila de Maria de Perpetuo Socorro Alcayaga, nascida em Vicuña, Chile, em 7 de abril de 1889, sua infância foi no Valle del Elqui, lugar que ela amava, autora de cinco expressivas obras: Ternura, Tala, Lagar, Poema de Chile y Desolación, que descrevem suas ideologias, o amor que sentia pelo Valle del Equi, lugar que pertencia a Vicuña, expondo diversas crenças, dores e seu amor. Gabriela Mistral morreu em Nova Iorque, 10 de janeiro de 1957, deixando um testamento “Es mi voluntad que mi cuerpo sea enterrado en mi amado Montegrande, Valle de Elqui, Chile” (IZULI, 2014, p.42).

Geralmente as biografias contam a vida de alguém depois de sua morte, em alguns casos incluem-se características das obras dos biografados. Portanto a primeira é uma

narrativa produzida pelo autor sobre si mesmo, uma vez que o segundo é escrito sobre o autor, porém por outras pessoas.

A autobiografia é uma narração feita por uma pessoa ou um grupo sobre suas experiências, atitudes, aspirações, objetivos. O objetivo da autobiografia é aprofundar o conhecimento do sujeito participante sobre sua própria vida, busca mergulhar no interior da pessoa, estudar o percurso de sua vida e fazê-lo emergir. (IZULI: 994, p.41).

Em meados dos anos de 1889, Petronila Alcayaga - dá a luz a outra garota – e a chama de Lucila. Nesse período ocorreu o restabelecimento da situação financeira que a família se encontrava, pois o cargo de professor da cidade La Unión foi devolvido ao seu pai. Devido ao exercício do trabalho ser em outra cidade, deu-se início a separação dele com a família. Ao decorrer do tempo essa ausência foi aumentando, inclusive a remessa de dinheiro enviada mensalmente para a família também foi diminuindo, passado três anos do nascimento de Lucila, Godoy (pai de Mistral) abandonou por completo: esposa, filha e enteada.

No livro, Gabriela Mistral (1969), relata a vida de sua mãe Petronilia Alcayaga, que era costureira e trabalhava na região do Andas, na vila de Montegrande, na qual Lucila e sua irmã Emelina Molina, passaram sua infância, sua irmã, quem a alfabetizou, mais tarde deu continuidade na escola de La Unión em Vicuña. Aos 15 anos, começou a trabalhar como professora secundária, perto de Vicuña. Surgindo um momento de descoberta de seu dom de ensinar, Gabriela publica seus primeiros poemas, em jornais da região: ‘Diario Radical la Voz de Elqui’, ‘Ensonaciones, Carta Intima’, entre outros, afluindo sua herança genética herdada de seu pai. Aos 17 anos, surgiu um grande amor em sua vida, se tratava do jovem Romelio Ureta, um operário ferroviário, esse romance teve um fim trágico deixando uma triste marca em seu coração, ao receber a notícia que seu amor havia cometido suicídio. Este fato vivido inspirou a escrever uma de suas obras denominada “Sonetos de la Muerte”, que rendeu um prêmio em 1914.

Utilizando o conceito de auto identidade usado por Giddens (2002), Mistral se mostra como uma pessoa que vive diante de uma realidade de angústia e sofrimento. Estabilizando seu pseudônimo no ano de 1914, no livro Gabriela Mistral “Poesias y Prosas”, ela cita definindo seu pseudônimo na página X.

Unos famosos juegos florales celebrados en Santiago, en diciembre de 1914, darán flor natural, medalla de oro y corona de laurel, y nombre definitivo a nuestra Gabriela Mistral. Con ese pseudónimo firma sus célebres Sonetos de la muerte. La profesora

de castellano del liceo de minas de Los Andes tiene veinticinco años, (MISTRAL: 1969, p.10).”

Ainda valendo-nos dos escritos apresentados no livro de Mistral (1969), podemos dizer que foi por volta dos anos 1927 a 1928, que ela recebeu a visita de um homem dizendo que era seu irmão, este trouxe uma noticia: seu pai não era mais vivo, (jerónimo faleceu no ano de 1911). Seu irmão a procurou para pedir que ela cuidasse de seu filho, Juan Miguel Godoy de apelido Yin Yin, pois sua esposa estava muito enferma e não tinha como cuidar de uma criança de poucos anos.

Gabriela aceitou cuidar de Juan, com todo seu carinho e amor, apesar de viver viajando para vários países, ela o levava sempre para todos os lugares, desabrochou uma mãe que ama seu filho, ao completar sua adolescência Juan Miguel se suicida, na cidade de Petrópolis, sua tia Mistral considerando ele como filho e não como sobrinho, não suporta com tamanha dor, seu coração sangra com mais uma perca tão brutal.

SAMANTAN, Marta Elena (1969), descreve que Mistral assustada com sua vida de tantas perca dolorosas, com seu coração em pedaços, ela custa acreditar que está sozinha novamente, escreve um poema “Luto”, para desabafar sua dor. Com decorre dos anos Gabriela se destaca cada vez mais com seus poemas e suas obras, uma mulher incrivelmente notável com sua capacidade defensora dos necessitados e sua inteligência bruta, podemos perceber dessa mulher guerreira que em cada dor, perca, amor, dificuldade ela transforma em obras primas, em poemas belíssimos, ganhando nome como única literária da pós-modernidade. Se transformou em uma mulher de varias posições sociais, poetisa, professora, feminista, cônsul e diplomata, viajou por vários países sempre surpreendendo com suas obras e poemas, uma guerreira que defendia os índios, pobres, política e lutava pela igualdade da mulher deixando admiração em diversos países, porém muita revolta aos governantes.

No livro Gabriela Mistral Campesina del Valle de Elqui (1969), na década de 40, a escritora descobriu uma doença (câncer no pâncreas) na qual ela passou o resto de sua vida tratando, morreu em janeiro de 1957, deixando um testamento “tudo que possuo entrego as crianças pobres de Montegrande”, o povoado onde passou sua infância. Podemos perceber a relação da vida da autora com suas obras e poemas, uma vez que os títulos pertencentes a suas obras estão intimamente ligados a sua vida pessoal. Ao lermos suas obras, sentimos um sentimento de dor, de amor, de fé como se nós estivéssemos vivenciando o que ela viveu.

2.2 INTERFERÊNCIAS DA SOCIEDADE SOBRE O INDIVÍDUO

Sabemos que a sociedade interfere de forma significativa na vida de um indivíduo, pois ela é formada por um conjunto de elementos que inclui grupos de pessoas com culturas, costumes e regras construídas de acordo com as diferentes classes sociais as quais vêm a pertencer cada um. Percebemos com o decorrer dos anos que a sociedade vem sofrendo um processo de transmutação em que um indivíduo pode ambicionar modificar o modo o qual vem a funcionar a sociedade a qual esta inserido a través de suas ações e pensamentos, conseguindo assim interferir diretamente na sociedade. Contudo podemos deduzir que assim como o indivíduo é influenciado pela sociedade a sociedade é influenciada pelo indivíduo.

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (Candido, 2006.p.35).

De acordo com o exposto podemos aportar à ideia que o indivíduo não somente é passivo dentro de uma sociedade, mas também ativo, uma vez que interage de forma atuante dentro do meio social, podendo transformar a sociedade a qual pertence, e é nessa perspectiva que a escritora Gabriela Mistral iniciou suas transformações dentro da sociedade e, por conseguinte foi influenciada pelo contexto situacional pertencente ao seu entorno. A título de exemplificação podemos citar as poesias escritas pela autora as quais eram destinadas a determinados grupos de indivíduos que tinham as mesmas ideologias (à busca de uma sociedade mais feminista). Candido (2006) salienta que “A literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”.

Giddens (2002) faz uma distinção interessante sobre identidade e auto-identidade, ambos conceitos atrelados ao contexto da pós-modernidade definindo-os do seguinte modo:

A auto-identidade não é um traço distintivo, ou mesmo uma pluralidade de traços, possuído pelo indivíduo. É o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia. A identidade ainda supõe a continuidade no tempo e no espaço: mas a auto-identidade é essa continuidade reflexivamente interpretada pelo agente. Isso inclui o componente cognitivo da pessoaidade [*personhood*]. Ser uma "pessoa" não é apenas ser um ato reflexivo, mas ter o conceito de uma pessoa (enquanto aplicável ao eu e aos outros). O que se entende por "pessoa" certamente varia nas diferentes culturas, embora haja elementos dessa noção que são comuns a todas elas. A capacidade de usar "eu" em contextos diferentes, característica de toda

cultura conhecida, é o traço mais fundamental das concepções reflexivas da pessoa (GIDDENS, 2002, p. 37).

Nicholson (1995) e Bruner (1990), inferem que nossa identidade é produto do meio em que vivemos, são construções narrativas que um só tempo influencia e são influenciadas por nossa cultura, todavia, esses autores compartilham da ideia de que a identidade humana é formada culturalmente e socialmente e que essas influências geram diferenças individuais, esses autores também acreditam que aquilo que nos foi dado biologicamente é responsável por certas reações dos indivíduos advindas das influências socioculturais.

Gabriela Mistral participava dessas lutas de identidade do século XX estas baseavam a ideia de que o caráter, ou a personalidade do ser humano origina-se da sua constituição biológica da imagem que cada pessoa tem de si (identidade), não podendo fugir do seu determinado tipo biológico.

Alguns

outros teóricos como Mouffe (1995, p. 23), afirma que: “a identidade da mulher e do homem está baseada numa multiplicidade de relações sociais em que as diferenças sexuais são sempre construídas de forma diversas”. Conforme Sousa (2006, p. 23):

Narrativas vão além da simples descrição de eventos experienciados para fornecer modelos explicativos e avaliação emocional sobre o que esses eventos significam para o indivíduo. Mas especificamente, narrativas permitem-nos criar uma realidade compartilhada. Ao contar as histórias da nossa vida, estamos contando quem somos e estamos compartilhando nossa visão de mundo. Nós não apenas contamos o que aconteceu; nós explicamos como e por que esses eventos aconteceram, como nós nos sentimos e como reagimos a eles e o que eles significam para nós.

Ao pesquisarmos autores que projetam suas vidas em suas obras, aparecem inúmeras imagens as quais podemos visualizar e fazer distintas interpretações o que não quer dizer que venha a ser a ideia que o autor quis transmitir. Para que possamos entender qualquer obra de qualquer autor, temos que ler sua biografia desde o seu nascimento até sua morte. É interessante fazermos uma analogia do que foi dito com o ensino de línguas voltado para a tradução, pois, para se realizar uma tradução de uma língua para outra se faz necessário que o tradutor conheça de antemão: o autor, sua vida, o contexto histórico e social a que ele pertence para que desse modo possa vir a compreender a literatura escrita por este.

Por fim os autores compartilham de suas obras a projeção da identidade do Eu, em suas autobiografias elas narram suas construções de vida por intermédio de suas pinturas, poemas entre outros, especializando sua arte seja ela qual for.

2.3 – ANÁLISE E REFLEXÃO DOS DADOS

A partir do exposto até o presente momento, podemos inferir que a autora projeta sua vida dentro do poema “El Dios Triste”, uma vez que sentimos dentro do poema características rotineiras pertencentes à vida da autora, como por exemplo: sua relação com Deus, o contexto sociocultural o qual ela estava inserida, sua condição enquanto mulher e filha, a melancolia que demonstra sentir por ser cristã e está insatisfeita com o modo como as pessoas - e ela mesmo - viam e tratavam a Deus.

Segundo Bruner (1990, 2002), é por meio das narrativas que nos construímos que nos transformamos na pessoa que somos, ou seja, é por intermédio das histórias que nos contam e das histórias que contamos, inclusive sobre nós mesmos, que nos formamos e nos transformamos a cada dia, continuamente (MATOS: 2010, 589).

Como podemos perceber na citação acima, o autor acredita que as narrativas as quais um individuo produz, faz com que nos transformemos na pessoa que somos dentro de uma sociedade, uma vez que, o contato com o eu e com o outro, faz com que venhamos a sermos e agirmos de acordo com a sociedade que nos é apresentada, porém, é interessante ressaltarmos que a sociedade muda em uma constante acelerativa. Começemos a partir de então a analisar de que forma a sociedade é refletida dentro do poema “El Dios Triste” da autora Gabriela Mistral. Para tanto realizamos a análise de cada estrofe.

1ª Estrofe:

Mirando la alameda de otoño lacerada, la alameda profunda de vejez amarilla, como cuando camino por la hierba segada busco el rostro de Dios y palpo su mejilla. (MISTRAL: 1922).

Como vimos na bibliografia da autora, uma de suas inspirações para escrever saiu da própria bíblia. Em “El Dios Triste” a autora faz uma crítica a religião, a forma como esta, está sendo vista pela sociedade e por ela mesmo. Matos (2010), afirma que “narrativas são maneiras socialmente construídas de compreender o que uma vida é e o que uma pessoa é”. É partindo desse pressuposto que começamos a analisar as estrofes apresentadas no presente poema.

A primeira estrofe, alude para um dos períodos do ano mais triste, o outono, momento em que as folhas caem e amarelam o chão. Essa estação nos remete a morte, já que as árvores parecem morrer quando ficam somente em galhos perendo todo o seu colorido. (COELHO: 2010, p.120).

Nessa primeira estrofe Mistral expõe de forma melancólica o modo o qual a religião esta sendo apresentada diante da sociedade da época. A autora começa a introduzir a ideia de uma visão triste, representada a través de uma das quatro estações (outono, estação a qual caem às folhas), Nos trás a representação de Deus direcionado a um imaginário de tristeza, no qual somente ao fechar os olhos ela acredita que imaginando a solidão representada a través dessa estação do ano, - folhas secas caindo sobre o chão - poderá ate sentir a presença de Deus, podendo até na busca do seu rosto poupar sua “bochecha”.

Neste momento melancólico do outono, que segue sem fim, como o fio de um choro, um choro continuo, constante, já que não parece haver solução para os problemas – A poeta sente um Deus que também se ver triste e morto como esta estação outona [...] Gabriela Mistral, os divulga um Deus sem felicidade, que não canta, que não esta alegre e fortalecida para aquecer e dar esperança ao próximo. Ele se mostra abatido e combalido. Dessa forma, a deidade seria o que a poeta é. Ela a cria á sua imagem e semelhança. (COELHO: 2010120, 121).

Podemos perceber por fim que o modo o qual a autora narra essa situação nos faz perceber que esses informes não são meras criações dela e sim fazem parte de um contexto social. COELHO (2010), “alude ao período do ano mais triste, o outono, momento em que as folhas caem e amarelam o chão. Essa estação nos remete à morte, já que 1256 as árvores parecem morrer quando ficam somente em galhos perdendo todo o seu colorido.”

2ª Estrofe

Y en esta tarde lenta como una hebra de llanto por la alameda de oro y de rojez yo siento un Dios de otoño, un Dios sin ardor y sin canto ¡y lo conozco triste, lleno de desaliento! (MISTRAL: 1922)

Nessa segunda estrofe além de a autora apresentar a ideologia da existência de um ser superior, o faz de forma profana ao citar que o Deus que ela consegue enxergar é um Deus sem ardor, sem canto. Mais uma vez podemos perceber o modo como a sociedade da época influencia a autora, uma vez que quem lia a obra também poderia ser influenciado por ela. Vemos também a critica que ela faz referente a sociedade cristã, uma vez que diz: “ Y ló conozco triste, lleno de desaliento”. Corroborando com as ideias de Coelho (2010) referente a analise dessa estrofe podemos dizer que quando Gabriela Mistral escreve esse trecho refere-se à possível decepção que Deus esta tendo para com o povo cristão, ocasionando de forma alusiva uma sociedade descrente, e assim como a autora demonstrando também ser possuidora de características profanas.

3ª Estrofe

Y pienso que tal vez Aquel tremendo y fuerte señor, al que contrara de locura embriagada, no existe, y que mi Padre que las mañanas vierte tiene la mano laxa, la mejilla cansada. (MISTRAL: 1922)

Nessa terceira estrofe podemos perceber a relação da vida familiar da autora interferindo no modo como a mesma esta escrevendo, uma vez que, ao lermos essa estrofe podemos refletir sobre a figura paterna, mais exatamente ao pai da Gabriela Mistral, assim como também ao próprio Deus enquanto seu próprio pai.

Em seus estudos explica que há em comum em muitas culturas a crença em um Deus soberano, que criou o planeta, más que depois se afastou deixando o mundo sob o governo de demiurgo. (MIRCEA ELIADE apud Coelho: 1998, 23)

Por mais uma vez ela mostra a descrença na existência de um, dentro da biografia da autora nos é apresentado a figura do seu pai, um homem humilde porém altamente intelectual, produzia poesias assim como a autora, porém não o fazia com fins lucrativos e essa parte da vida da autora podemos enxergar quando a mesma diz: “... e que meu pai que nas manhãs chega, têm a mão enfatiada, a bochecha cansada – Tradução Nossa”.

4ª Estrofe

Se oye en su corazón un rumor de alameda
de otoño: el desgajarse de la suma tristeza.
Su mirada hacia mí como lágrima rueda
y esa mirada mustia me inclina la cabeza. (MISTRAL: 1922)

Nessa quarta estrofe a autora começa por mais uma vez a remeter-nos a ideia de melancolia ao relacionar um sentimento advindo do coração a uma vereda de outono. Nessa estrofe conseguimos perceber o Deus apresentado pela autora, um Deus infeliz, insatisfeito, com quem o adora ou pelo menos deveria adora-lo.

Gabriela Mistral adora al Dios único, hijo del desierto, al Dios vergador y terrible que abomina los pecados de la carne, Dios violento, inmensamente distante de su criatura, Dios solitario y resplandeciente (ARRIETA in COELHO: 1960, p. 21).

Fica-nos evidente por mais uma vez o quanto a sociedade vai interferir no individuo, uma vez que, a autora vai descrever o sentimento para com Deus baseado no sentimento de outrem porém também dela mesmo. Segundo Coelho (2010) a presente estrofe é interpretada da seguinte forma “O sujeito-lírico ouve um rumo de tristeza e quando olha para deus ele esta

chorando. Deus esta com um olhar tão murcho e triste que ela se apieda e inclina a cabeça para lhe dirigir uma oração”.

5ª Estrofe

Y ensayo otra plegaria para este Dios doliente,
 plegaria que del polvo del mundo no ha subido:
 "Padre, nada te pido, pues te miro a la frente
 y eres inmenso, ¡inmenso!, pero te hallas herido". (MISTRAL: 1922).

Nessa ultima estrofe percebemos por fim que a pesar de a autora proferir criticas durante todo o poema a Deus e a como a sociedade e ela mesmo o vê, ela finaliza o poema clamando por ele que por hora era descrente, é como se ela acreditasse na possibilidade da existência de mudanças, desse Deus, da sociedade e dela mesmo para que pudesse haver uma interação entre o individuo e a crença nesse Deus que por hora encontra-se ferido pela descrença da sociedade. Coelho enfatiza que “Gabriela Mistral diz que nada lhe pedira, já que não pode encontrar nele socorro, auxilio ou ajuda, pois ele se encontra ferido.”.

3. CONCLUSÃO

Os fragmentos apresentados no poema de Mistral: “El Dios Triste“ aqui analisados representam um reflexo da identidade da autora inserida na sociedade da época, pois, mostram- na em momentos particulares da sua vida. A autora buscou expressar seus sentimentos de dor, aflição e angústia através de sua produção artística. Os momentos difíceis da vida influenciaram na sua produção poética, demonstrando que o contexto específico de sua trajetória contribuiu para sua produção artística. Todos esses aspectos podemos observar a través do poema o qual os propomos a analisar

Além disso, fica-os claro que a nossa experiência de vida pode influenciar de forma direta no modo o qual passamos a enxergar nossa própria. Nos fragmentos analisados os versos demonstraram alguns resquícios da identidade da autora, deixa em evidencia a desilusão causada pela perda de seu amado, fazendo-se indispensável uma pesquisa sobre o momento em que ela passa, para compreender este poema.

Percebemos também que a interferência da sociedade sobre o individuo se dá de maneira direta, pois podemos dizer que a maioria dos indivíduos são influenciados pela sociedade em que vivem, seja pelos hábitos familiares, na escola, religião entre outros. Portanto, a construção de uma obra, de um poema, de uma pintura, se da pela retratação de

um sentimento, de uma experiência, de uma essência de identidade, a inspiração para tal obra vem do íntimo do autor, tendo essa compreensão o leitor pode ter o desfrute de fantasiar e por algum instante até sentir a força de uma obra, compartilhando dos mesmos sentimentos do autor.

A PARIDADE PROJETADA NO EU: A INSERÇÃO DO LITERATO DENTRO DE SUA COMPOSIÇÃO

Layany de França Barreto Rocha*

RESUMEN

El presente artículo tiene el objetivo de presentar de qué modo el “Yo” está presente en la obra literaria de la autora Gabriela Mistral, más específicamente en su poema intitulado: El Dios Triste. Se pretende a partir de esa investigación, puntuar los aspectos sociales que han influenciado la obra de la autora así como puntuar acerca de algunos rasgos pertenecientes a su biografía que estén directamente relacionadas con el objeto de análisis (el poema). Para realizar ese estudio se buscó teorías referentes al: Individuo, Sociedad e Identidad. El análisis se basará en una pesquisa bibliográfica, donde utilizará nombres de grandes expertos sobre el tema abordado como: Giddens (2002), Cândido (2007) Coracine (2007).

Palabras – clave: Identidad, Biografía, Sociedad.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Ouro sobre Azul , Rio de Janeiro 2006

BRUNER, J. **Mentes reais, mundos possíveis**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.

_____. **Atos de significado**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

_____. **Fazendo histórias: direito, literatura, vida**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.

_____. **Campesina del Valle de Elqui**. Buenos aires: Instituto Amigos del Libro Argentino, 1969.

CORACINI, M. J. **A celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

GIDDENS, **Anthony**, **Modernidade e Identidade**. Trad., Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2002. Disponível em: <[http. www.sociedadedospoetasamigos. com. chi. Wordpress](http://www.sociedadedospoetasamigos.com.chi.Wordpress)> acesso em 12 de jun de 2012.

GRINSCHPUN, Natalia. **El Dios Triste**, Gabriela Mistral. Poetas al desnudo, artículo publicado el 26 de junio de 2011.

MISTRAL, G. **Talas: Poemas**. Buenos Aries: Sur, 1938.

NICHOLSON, L.; Seidman, S. (Org.). **O pós-modernismo social: além da política de identidade**. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University, 1995.

SAMATAN, M. E. **Gabriela Mistral: campesina del valle del Elquí**. Buenos Aires: Amigos del Libro, 1990